

INTERVALO ANALITICO



DESEJO

Alair Gomes©

MATÉRIA DA CAPA

O desejo de ser analista

"...neste sentido, o desejo é mesmo revolucionário, em permanente transformação e fala várias línguas." (Mariana Neustein)

Três desejos

"O desejo se esvai e quando queremos capturá-lo, já está em outro lugar." (Mariano Horenstein)

Por Mariana Neustein e Mariano Horenstein
páginas 2 e 3

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Por que a Psicanálise?

"Assim, a escolha pela Psicanálise é uma autorização do desejo e acontece quando estamos prontos para isso."

(Denise Bastos Arduini)

Por Ruth Naidin
páginas 5 e 6

PSICANÁLISE & CIA

Perguntar & Pensar

"Acreditamos que toda forma de difusão da Psicanálise beneficia a população em geral, os ouvintes, aqueles que estão à sua volta."

Por Gabriela Psczol Krebs, Magda Rodrigues Costa, Samantha Nigri e Simone Wenkert Rothstein
páginas 10 e 11

DIVAGAR É PRECISO

Entre Nuvens

"O que fazer? Reconstruir traços de encanto, memórias com ou sem pranto, elos antigos de virtudes e vícios, de sons e abrigos, sonhos perdidos e escondidos, restaurar instantes, dentro e fora de si."

Por Maria do Carmo Palhares
página 12

“Eu só quero que você me queira.”



*Ando meio desligado
Eu nem sinto meus pés no chão
Olho e não vejo nada
Eu só penso se você me quer
Eu nem vejo a hora de lhe dizer
Aquilo tudo que eu decorei
E depois do beijo que eu vou lhe dar
Você vai sentir, mas por favor,
Não me leve a mal
Eu só quero, que você me queira
Não me leve a mal,
Não me leve a mal
Não me leve a mal...*
(Ando meio desligado. Arnaldo Batista, Rita Lee, Sérgio Dias)

Já é bastante reconhecida a estreita relação que Freud mantinha com a Literatura, seus escritores e poetas, inspiração para a elaboração de conceitos fundamentais de seu arcabouço teórico-clínico e a convicção de que os poetas tinham um acesso mais direto aos desvãos da alma humana.

Os textos de nossos ilustres convidados desta edição do IA, que traz como tema o *Desejo*, confirmam o dito freudiano ao discorrerem poeticamente sobre suas várias faces e errâncias.

Mariana Neustein, membro efetivo da SBPRJ, abre os trabalhos na coluna *Matéria da Capa*, enfocando o desejo de ser analista e apontando os encontros analíticos como lugar privilegiado de exercício das várias falas desse desejo, indispensáveis na construção

de uma futura identidade.

Mariano Horenstein, psicanalista, ex-editor da Calibán, membro do *Board* da IPA. Autor de “Conversaciones de diván” – entre outros, nos presenteia com um passeio consistente pelos olhares/desejos de Freud e Lacan e acrescenta o seu, a que nomeia de “desejo da instituição”, descrito como a expectativa, dentre outros atributos, de uma instituição que se proponha a uma hospitalidade ativa em “sintonia com o que o momento exige, sem se esconder atrás dos álibis da tradição”. Aqui, dou um salto na sequência dos textos para trazer a escrita de Cidiane Vaz, recém-chegada à Brasileira, que confirma a ideia do *Zeitgeist* citado por Mariano, quando enuncia o desejo de fazer nascer uma psicanalista que seja acolhida em um “espaço comprometido com a vida em sua pluralidade de pensamentos, tradições, origens, trajetórias, configurações étnicas e formas de existir.

Na coluna *Fazendo parte da nossa história*, Ruth Naidin inovou, convocando os membros e alunos de nossa instituição a responder a pergunta: *Por que a Psicanálise?* Confiaram a diversidade das inspiradas respostas. Sergio Almeida, membro efetivo da SBPRJ, escrevendo na *Coluna do Instituto*, vai buscar Camões, em Os Lusíadas, quando descreve a história de amor e tragédia de Pedro e Inês, para falar da mescla de Eros e Tânatos, introduzida pela pulsão de morte, que faz o desejo adquirir uma dimensão mortífera e aniquiladora. Uma viagem densa e poética

pela história de Portugal e pelos percursos tortuosos do desejo.

Nosso cinéfilo de plantão, além de membro honorário da SBPRJ, Luiz Fernando Gallego, traça a trajetória cinematográfica de Luis Buñuel, em que a moral burguesa e o desejo sexual são personagens onipresentes, comprovando a máxima da poesia musicada de Caetano Veloso, ou seja, que “a gente não sabe o lugar certo onde colocar o desejo”.

A coluna *Psicanálise & Cia* também inova neste número e acompanha a animada roda de conversa do colegiado formada por psicanalistas da SBPRJ que levam avante o legado de Sônia Eva Tucherman, idealizadora do *Perquisar & Pensar*, programa de rádio dramaturgia produzido pela Brasileira em parceria com a MEC AM.

Fechando esta edição, nossa colega Maria do Carmo Palhares, membro associado da Brasileira traz para a coluna *Divagar é Preciso*, nas palavras de nosso coeditor Tiago Mussi, uma comovente e poética narrativa, onde o infantil se mistura àquilo que permanece dentro de nós, tornado vivo por meio de um fubá que mais parece uma *madeleine* proustiana.

Boa leitura e o mais intenso e determinado DESEJO de DEMOCRACIA!

// Sandra Gonzaga e Silva
gonzaga.sagon@gmail.com



Sociedade Brasileira
de Psicanálise do
Rio de Janeiro

Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA

sbprj.org.br

Siga-nos:

facebook.com/SBPRJ/

instagram.com/sbprjoficial/

Inscreva-se em nosso canal:

youtube.com/c/CanaldeVideosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Sandra Gonzaga e Silva / **Coeditor:** Tiago Mussi / **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Eloá Bittencourt, Luiz Fernando Gallego, Maria Noel Brena Sertã, Paula Maio, Ruth Naidin e Wania Cidade / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design / **Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva

As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2021-2022

Presidente: Lúcia Maria de Almeida Palazzo; **Vice-Presidente:** Miguel Sayad; **1ª Secretária:** Gisela Gorrese; **2ª Secretária:** Priscilla Capua Maia; **1ª Tesoureira:** Sônia Izecksohn; **2ª Tesoureira:** Eunice Raposo de Mello / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Ney Marinho (Diretor), Anna-Maria Bittencourt (Vice-Diretora), Maria Noel Brena Sertã (Secretária) / **Conselho Científico:** Maria Elisa Alvarenga (Diretora), Mariana Neustein (Secretária) / **Conselho Profissional:** Claudio Frankenthal (Diretor), Áurea Lowenkron (Secretária) / **Clínica Social:** Cláudia Bernardes (Diretora), Indira Stevanato (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Maria Teresa Silva Lopes (Secretária) / **Departamento de Publicação e Divulgação:** Viviane Frankenthal (Diretora), Ruth Naidin (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Carlos Pires Leal (Diretor), Flávia Costa Strauch (Secretária) / **Site:** Roberto Franco



O desejo de ser analista

"O desejo é revolucionário, porque sempre quer mais conexões, mais agenciamentos"
(Gilles Deleuze / Claire Parnet, *Dialogues*)

Quais seriam os caminhos do desejo que nos levam a nos transformarmos em psicanalistas?

Segundo Freud, o desejo é um movimento em direção às marcas mnêmicas deixadas pelas vivências de satisfações mais primitivas que acalmaram as primeiras necessidades do bebê. O desejo estaria, então, encoberto, procurando conexões, interpretações para poder se traduzir em realizações.

Querer se tornar analista então poderia estar relacionado com as ligações afetivas? A curiosidade pela ligação com o outro? Como ela se dá? O que a transforma?

Por meio do *talking cure*, a cura pela palavra, como propõe Freud, talvez descobriremos os caminhos dos nossos desejos. O próprio encontro analítico daria conta de trabalhar o desejo de ser analista?

Esse desejo inicial pode ser o motor, mas ele não é suficiente, pois como mencionei no início, a sobreposição de desejos pode nos enganar. Pensamos que desejamos algo e, finalmente, descobrimos que não era exatamente aquilo que tínhamos em mente. Nesse sentido, o desejo é mesmo revolucionário, em permanente transformação e fala várias línguas.

Quaisquer que tenham sido esses caminhos, eles comportaram em algum momento um instante de identificação com alguém.

São os encontros analíticos que unirão o desejo de ser analista à futura construção de sua identidade.

Retomei a leitura depois de alguns anos da nova edição do livro *Cartografia Sentimental*, transformações contemporâneas do desejo, de Suely Rolnik. No capítulo sobre o psicanalista cartógrafo (conceito desenvolvido no livro), ela menciona que o pensamento psicanalítico é um "pensamento que emerge do movimento invisível dos afetos e que tem por função dar língua a esses mesmos afetos que são transmitidos por meio do exercício do próprio pensar assim concebido, exercício que requer disciplina, tempo e, frequentemente, a orientação de alguém já iniciado, por exemplo, um analista".

"Ritmo e desejo caminham juntos na busca de um percurso autêntico que faça sentido para a dupla analítica. Dessas duplas nascem modelos de análise, de analista e de desejo."

Há um movimento de transmissão do próprio analista nos processos de análise que também incita a coragem e o desejo de ser analista no analisando. A transmissão se dá nos pares e nos grupos de trabalho. Mas, com certeza, não se sabia ser assim tão laborioso e com tanto investimento essa nossa profissão. Segundo Rolnik, o desejo de ser analista é o

"exercício de criação de um campo onde se possa conquistar intimidade com um finito ilimitado, o que muitas vezes só é possível fazer acompanhado. Um campo no qual se possa vivenciar e reconhecer as formas de resistência a essa intimidade que se costuma acionar no dia a dia".

Será no campo do analítico, como propõe Rolnik, que o desejo de ser analista poderá ser aprofundado. A díade analítica, assim como os estudos da técnica e da ética, sustentam o desejo – um processo delicado e sutil de acompanhar e ser acompanhado, criado a partir de um ritmo construído na relação analítica.

Ritmo e desejo caminham juntos na busca de um percurso autêntico e que faça sentido para a dupla analítica. Dessas duplas nascem modelos de análise, de analista e de desejo. Segundo Rolnik, "sempre se está criando uma língua, novos portos, novas terras. Sempre se está atualizando novos mundos. Mas nem por isso deixa de ser finita a relação analista/analisando: seu limite é a aceitação do caráter ilimitado da análise, decorrência da ilimitada produção de universos, que é o desejo."

// Mariana Neustein
marineustein@yahoo.com



Egon Schiele. *Mãe e filho* (1917).

Três desejos



Minha filha mais nova acaba de fazer aniversário e, no meu país, há um ritual no qual, antes de apagar as velas, três desejos devem ser pensados em segredo. Somente no dia do nosso aniversário nos é concedida essa possibilidade e a esperança de sua realização. Abordarei aqui três aspectos do desejo, sabendo que quando falamos de desejo, falamos de uma constelação teórica. Esse conceito, pedra angular da Psicanálise, precisa ser articulado com outros, como a demanda e o gozo, com os quais é associado e diferenciado.

Se a primeira pontuação sobre o desejo vem de Freud, a segunda está ligada a Lacan, e a terceira, talvez uma transposição inadequada, recai sob minha responsabilidade. Quando falamos de desejo, porém, as divisões se mostram insustentáveis porque se movem com a fugacidade de um cometa, diluindo qualquer ideia de autoria ou autonomia. Pois o desejo é, sempre, desejo do Outro antes de mais nada. Do Outro que nos desejou, em primeiro lugar, e que desencadeou aquele impulso incontornável de ser aquele – nós

“Pois o desejo é, sempre, desejo do Outro antes de mais nada.”

sentimos – que o Outro deseja. Ao mesmo tempo – em um mecanismo que os publicitários exploram muito bem – desejamos apenas aquilo que consideramos desejado pelo outro.

Sem perceber, comecei com Lacan e não com Freud, quando é Freud quem introduz na economia psíquica uma sutileza teórica como a matéria desejante, partindo do sonho – como um impulso para reinvestir a experiência mítica da satisfação – e a feminilidade insatisfeita de suas histéricas. Nunca deixa de me surpreender que alguém tão identificado com o dever, como era Freud, tenha sido o embaixador do desejo

em nossa cultura.

Comecei com Lacan, invertendo a cronologia, não só porque a única cronologia que importa aos analistas é a de *Nachträglichkeit* – em que, ao contrário do senso comum, é o futuro que explica o passado – mas porque o desejo se esvai, escapa numa metonímia incessante, e quando queremos capturá-lo, já está em outro lugar.

Esse outro lado, que me interessa sublinhar neste contexto, também pode ser a instituição. Lacan inventou o “desejo do analista” para pensar além da contratransferência, especificando aquela função que nos afasta ainda mais de nossas limitações pessoais quando se trata de funcionar como analistas possuídos pela paixão de analisar. Não vejo por que eu não poderia inventar algo, mais modesto, que pudesse ser chamado de “desejo da instituição”.

Se o desejo do analista está em jogo na obtenção de uma diferenciação absoluta, de fazer surgir um estilo singular em cada um de nossos analisantes, e se baseia mais em uma falta e uma incerteza do que em qualquer atributo pessoal, talvez o desejo da instituição reproduza, em maior escala, essa peculiar função clínica.

Não se trata apenas de uma instituição que se proponha a formar analistas um a um, afastada de qualquer ideia industrial ou de produção em série, mas que também o faça de forma ativa, oferecendo sua hospitalidade longe de qualquer impostura. E que essa oferta esteja em sintonia com o que o momento – nosso *Zeitgeist* – exige, sem se esconder atrás dos alibis da tradição.

Se antes de apagar as velinhas minha filha mais nova tivesse formulado esse desejo, saberíamos que ele está sendo realizado em algum lugar na mágica Baía de Guanabara.



José Pancetti - óleo sobre tela.

// **Mariano Horenstein**
mmhorenstein@gmail.com

Por que a *Psicanálise*?

Resolvemos inovar desta vez. Em vez de uma entrevista extensa com um analista importante, preferimos dar a palavra a vários de nossos membros e alunos, a quem indagamos: "Por que a Psicanálise?". Aqui vão suas respostas.

Altamirando Matos de Andrade Junior:

A pergunta formulada pelos editores do Intervalo Analítico parece, a princípio, simples, mas logo se revela complexa. Se pensarmos que a maneira de humanizarmos os sentimentos, pensamentos e ações seria fazendo análise, encontramos uma resposta aparentemente simples. A questão é como se dá esse processo, como fazemos uma Psicanálise que proporcione ao outro um conhecimento de si mesmo, uma capacidade de amar, trabalhar e se relacionar. Como ser feliz dentro da realidade possível de cada um? Como encontrar num contato humano assimétrico uma possibilidade de desenvolvimento de nossas mentes? Acredito que Freud lidou com essas questões ao longo de toda sua obra. Nos textos finais, estava falando sobre as dificuldades que os homens e mulheres enfrentam num processo analítico e na vida em si, discutiu o narcisismo das pequenas diferenças e os impedimentos para o homem se curvar diante de um semelhante e a mulher renunciar ao falo aceitando sua feminilidade rica e propiciadora de desenvolvimento. Sendo sempre esperançoso, mas realista, não deixou de acreditar no processo analítico, mas soube chamar a atenção para a realidade dos instintos de vida e morte. A humanidade sempre teve suas formas de buscar o conhecimento e enfrentar as agruras da vida. A Psicanálise surgiu para discutir e pensar as formas de lidar com as questões emocionais de cada um. Freud: posso curar a neurose e devolver o indivíduo para a miséria da vida. Soube separar bem sofrimento humano de sofrimento neurótico, ainda que também humano, mas demasiado humano. A experiência emocional com-

partilhada num *setting* analítico possibilita expansão do sentir e do pensar, possibilita viver no aqui e agora da sessão as vicissitudes das emoções e responder à pergunta: Por que a Psicanálise?

Ana Sabrosa:

Essa pergunta que o Intervalo Analítico nos fez reportou-me, imediatamente, à paixão que temos por ela: a Psicanálise. Numa análise, o estranhamento encontra eco e desperta algo que nos emociona. Experimentamos a sensação surpreendente de conexão com o estranho, que não se compreende, e que encontra familiaridade no tal inconsciente. A Psicanálise possui uma beleza que nos faz enveredar pelo desconhecido, pelo que não paralisa, pela "liberdade que implica em correr o risco de se desfundir da multidão", como nos disse Sônia Eva Tucherman. A Psicanálise traz para cada encontro analítico a ousadia de nos arriscarmos no contato entre as subjetividades, abrindo mão de termos um saber, genuinamente despidos de preconceitos, deixando-nos afetar pelo familiar no estranho e abrindo-nos para o desconhecido. Ingmar Bergman, na cena final de *Fanny & Alexander*, traz, na voz da avó do protagonista, um trecho de "O sonho", de August Strindberg: "Mentira e realidade são uma coisa só. Tudo pode acontecer. Tudo é sonho e verdade. Tempo e espaço não existem. Sobre a frágil base da realidade, a imaginação tece sua teia e desenha novas formas". Assim, o escritor sueco e o dramaturgo respondem à pergunta do IA, com esta bela passagem literária. Então... Por que a Psicanálise? Por toda a possibilidade de nos depararmos com o inesperado, com o surpreendente, rumo à liberdade de ser.

Áurea Lowenkron:

Por que a Psicanálise, passado mais de um século desde sua invenção por Freud? Por que a Psicanálise nos tempos atuais, quando os nossos modos de ser, de agir, de sentir e de sofrer psiquicamente

assumem novas configurações que não se parecem com as neuroses clássicas nas quais Freud se baseou na elaboração do método, do tratamento e da teoria psicanalítica?

Por que insistimos na importância da Psicanálise como saber e como prática quando é tão forte a tendência a explicar o funcionamento psíquico e suas produções mediante concepções fiscalistas cerebralistas e a instituir tratamentos baseados exclusivamente em psicofármacos que visam (e, muitas vezes, conseguem obter) a supressão de sintomas? E ainda, quando assistimos ao espantoso crescimento de adesões a crenças e a curas místico-religiosas profundamente alienantes, que prometem apaziguamento dos conflitos, das incertezas, da angústia, em troca de uma autosupressão subjetiva? Sendo assim, por que a Psicanálise? Entre diversas razões, porque sua relevância é ainda maior quando preponderam na cultura forças que operam no sentido de produzir supressões e silenciamentos das singularidades, bem como do pensamento crítico. Nesse cenário, a Psicanálise representa lugar importante de resistência, de acolhimento do desejo, de transformação, de poesis, por relançar a potência criadora e curativa da palavra, fazendo florescer o mais que humano em nós.

Cassiane Crestani:

Para além da compreensão da sociedade e das neuroses que adoecem o sujeito, a Psicanálise representa em minhas vivências um processo respeitoso, ético e vigoroso, que torna a vida mais rica, interessante e criativa para aquele que deseja mergulhar em águas jamais exploradas antes.

Denise Bastos Arduini:

Essa é uma pergunta que me faço com frequência, não é uma pergunta nova. A cada passo se fortalece a certeza de que esse desejo sempre esteve em mim e agora foi autorizado, pode ter início e ser concretizado. Por que a Psicanálise?

Porque a Psicanálise...

Sem dúvida é o caminho da transformação que proporciona maior consciência da nossa essência e desejos, enfim de quem somos. Uma frase de Marguerite Yourcenar traduz, para mim, a Psicanálise: "O verdadeiro lugar de nascimento é aquele em que pela primeira vez lançamos um olhar inteligente sobre nós mesmos". O psicanalista auxiliará/apoiará esse processo de transformação e descoberta, esse "olhar inteligente". Vamos nos tornando psicanalistas a cada dia, a cada hora, a cada encontro; é um processo, é como a água que se infiltra lentamente por todos os lados, é inevitável. Luiz Cláudio Figueiredo, em sua palestra na Reunião Científica da SBPRJ, em 02/09/22, sugeriu que o nome do curso de Psicanálise poderia ser "expansão" ao invés de formação, termo apropriado e que vem ao encontro da ideia de que já nascemos instrumentalizados para a profissão e o caminho seria o de crescimento/ampliação do saber e da habilidade. Assim, a escolha pela Psicanálise é uma autorização do desejo e acontece quando estamos prontos para isso. Trazemos pela vida uma capacidade natural de observar, de interpretar, associar, refletir sobre o que vemos, de ter curiosidade sobre o outro, de ter empatia, de imaginar, de ouvir histórias. Ah, as histórias! Sempre tão ricas. É o que quero ser, sempre fui e agora estou pronta para a "expansão", para ampliar a mente e não para formatar, como disse o autor do livro "A Mente do Analista". Iniciar o curso é consequência dessa autorização do desejo e, a partir disso, a teoria, a supervisão e a clínica serão instrumentos para essa qualificação e expansão necessárias à função psicanalítica. Vamos pelo caminho como esponjas absorvendo e nos tornando aptos com mais vigor e consciência para essa nobre e desafiadora função.

Maria Elisa Alvarenga:

A pergunta me levou para longe: na infância, a presença do queridíssimo primo e padrinho psiquiatra que se aproximava da Psicanálise. Dessa época, lembro da minha curiosidade pelo seu trabalho com os pacientes "loucos". Meu entendimento era de que havia pessoas que viviam de um jeito muito diferente, às vezes num mundo à

parte, e tinha gente que tratava e ajudava essas pessoas. Muito perto de mim, um tio, um desses seres que, às vezes, vivia no mundo de lá. Nesse contexto de experiências afetivas coloridas, passo a dizer, ainda criança, que quando crescesse seria psicóloga. A entrada na Faculdade de Psicologia é também a entrada na análise. Numa família em que todos se deitavam no divã muitas vezes por semana, fazer análise era algo que se apresentava como saída para um tanto de coisas que eu sentia, não compreendia e me angustiavam. Era época de análises com frequência de cinco sessões semanais. Na primeira entrevista, manifesto a vontade de fazer análise três vezes na semana. Dele, ouço que atender-me quatro vezes era concessão, três vezes não era análise e que não tinha hora. Outros tempos! Palavras, silêncios, afetos, lembranças, sonhos. O inconsciente se revelava de formas inesperadas e desconcertantes. Um mundo em mim se descortinava. Era fascinante e assustadora a experiência de alta carga emocional e inigualável que eu experimentava. Ainda na Faculdade de Psicologia, pensei: é isso, quero ser psicanalista. De lá pra cá, muitos anos se passaram. A relação com a Psicanálise é de encontro, mas não impediu de me questionar algumas vezes se ainda desejava ser psicanalista. Entendo que ser psicanalista é uma construção permanente e que é salutar nos indagarmos sobre este desejo, como num casamento longo em que renovamos os votos com o parceiro de tempos em tempos. Sigo encantada com o burburinho do silêncio, da palavra dita e da não dita, que descortinam sentidos e abrem caminhos; com a força da mutualidade que transforma analista e paciente. Na aposta do vir a ser e as possibilidades transformadoras que a experiência analítica oferece ao paciente, para ele tornar-se mais plenamente si mesmo.

Miguel Calmon:

Não é nem justo nem correto dizer que todos precisem se submeter à Psicanálise. O maior e melhor de todos os terapeutas sempre foi e continuará sendo a própria vida. A vida se encarrega de nos interpretar e corrigir. Os acontecimentos nos interpretam. Somos o que somos em virtude

da capacidade que possuímos de nos manter em constante diálogo com a vida, de não deixar a peteca cair. É bem verdade que nem sempre este diálogo se dá do jeito que gostaríamos. Mas para o bem e para o mal, estamos constantemente sendo interpretados, seja pela dor que sentimos ou provocamos quando desconhecemos nossos limites, seja pela satisfação experimentada quando recompensados em nossas iniciativas. Viver e conhecer são processos simultâneos e recíprocos. Acontece que, por vezes, o diálogo é duro demais ou a teimosia teimosa o bastante para não querer escutar e então o diálogo se fecha. Por excesso de dureza do diálogo ou teimosia do sujeito, não suportamos ou nos recusamos a seguir conversando com a vida. A realidade se repete e insiste em nos querer dizer a mesma coisa, desagradavelmente sempre a mesma coisa. Vivemos um esgotamento de nossas possibilidades de transformar as coisas e não suportamos a dor de ter de nos transformarmos. Ai, então, neste contexto, a Psicanálise tem se mostrado uma importante ferramenta para o restabelecimento do diálogo com a vida. O psicanalista age como um intermediário entre o que sentimos e a vida, de modo a nos devolver a capacidade de seguir constantemente dialogando, para o bem e para o mal.

Paulo Jorge Dickstein:

Porque a Psicanálise oferece ao outro a experiência do *insight*. O *insight* traz a excitação de uma revelação. Vivemos a experiência de um novo mundo, de novas perspectivas que se abrem. O *insight* é uma experiência democrática, universal, para todos os níveis sociais e culturais. Por isso, a Psicanálise.

// Ruth Naidin

ruthnaidin@gmail.com





O mais além no desejo

*Mas quem pode livrar-se, porventura,
Dos laços que o Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem, de uma peregrina formosura,
De um vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo aceso?*
(Camões, Os Lusíadas, Canto III, 142)

Desejo, este enigmático, misterioso e inextricável vocábulo que segue atijando o imaginário e o sensorial humano desde seus primevos tempos. Objeto de reflexões de infundáveis saberes, adquiriu para nós, psicanalistas, fundamental importância, pois da abundância de conceitos e temas que trata a Psicanálise parece ser aquele que melhor define e engloba nossa praxe: o resgate, desvelamento e compreensão das nossas moções pulsionais inconscientes. Resultante psíquico da satisfação alucinatória das primeiras necessidades, compreende nas duas primeiras décadas do século XX a busca pela autopreservação e reprodução que, capturadas pelo desejo, afirmam a satisfação pulsional como

uma descarga de tensão e o prazer que daí advém. É o tempo das pulsões sexuais, da satisfação libidinal e no qual a libido reinaria soberana.

A partir de então, e com a introdução teórica da pulsão de morte, o universo psicanalítico jamais será o mesmo. Eros e Tânatos se entremesclam e se superpõem e o desejo adquire uma dimensão radical e intrinsecamente nova, pois o que antes seguia paralelo com a vida agora conterà uma dimensão mortífera e aniquiladora. Mudará a concepção psicanalítica intra e intersubjetiva da mente com repercussões sociais, culturais e psicopatológicas.

Dom Pedro I, com a morte de seu pai, o rei Afonso IV, assumiu o trono português de 1357 a 1367. Aos 20 anos, casou-se com D. Constança, filha do Infante João Manuel, regente de Castela. No entanto, apaixonou-se perdidamente por Inês, uma das damas de companhia da princesa e filha de Pedro Fernandes de Castro, fidalgo galego. Com a morte da esposa, em 1345, viu-se desimpedido para amar Inês, o que desagradou seu pai, o atual monarca. Este, aconselhado por

cortesãos, determina o assassinato da futura nora em janeiro de 1355. Quando sobe ao trono e enfurecido de dor e indignação, D. Pedro I ordena imediatamente a morte dos assassinos de Inês com tamanho requinte de crueldade que passaria a ser conhecido posteriormente como “O Cruel” e “O Justiceiro”. Conta a lenda que haveria ordenado desenterrar o cadáver de seu amor e obrigado os nobres da corte a reverenciá-lo sentado no trono, beijando-lhe a mão!

*Tu só, tu, puro amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.*
(Os Lusíadas, Canto III, 119)

Assim canta o poeta e sua genialidade arrefece a brutalidade da majestade azoratada pelo homicídio e assolada pelo extremo ódio aos criminosos. Um amor extremado seguido de desejos mortais e, logo após, o enxovalhamento radical e enlouquecido dos algozes da defunta querida. Por outro lado, no rei que o precedeu, que desejos inconfessados teria engendrado tamanha atrocidade para o filho? Tudo isso nos remete ao caráter feroz, ardoroso e irrefreável de Eros e Tânatos. Desejos múltiplos, ora apaixonados, altruístas e benevolentes ou, então, impiedosos, bárbaros e inclementes.

Terminamos com uma questão clínica. Os neuróticos desejam ou são desejados por seus objetos internos, isto é, são sujeitos ou sujeitados? Os psicóticos, durante suas francas psicoses e antes de qualquer intervenção terapêutica, desejam? E os perversos, o que desejam? Stoller responde: desejam fazer o mal.

// Sergio Costa de Almeida
sergio8almeida@gmail.com

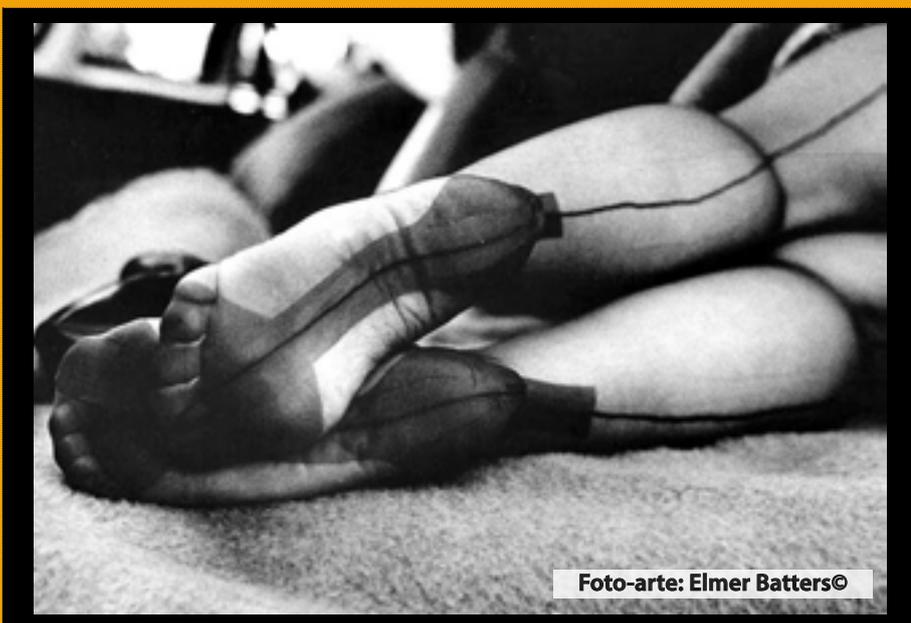


Foto-arte: Elmer Batters©



Transformando enseada em cobra de vidro: por uma formação desejante

O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás da casa. Passou um homem depois e disse: essa volta que o rio faz por trás de sua casa se chama enseada. Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás da casa. Era uma enseada. Acho que o nome empobreceu a imagem.
Manoel de Barros. *O livro das Ignorâças* (2010).

Penso que descobrimos o desejo de nos tornar psicanalistas como quem arranha uma raspadinha. O bilhete, que nunca é premiado, compõem-se como uma espécie de palavra que vamos descobrindo a partir da raspagem de muitas camadas de histórias, mal-estar e, também, rasgos e palavras apagadas. Envolve trabalho árduo para encontrar e para aprender a ler o que, como alteridade, descobrimos inscrito em nós. Essas palavras, descobertas a partir da disponibilidade de um outro, vão sendo transformadas e, encantadas, tornam-se vitalizadas e vitalizadoras. É a partir da

experiência de transmutação de nossas enseadas em cobras de vidro que podemos desejar que outras pessoas possam experimentar algo da ordem da transformação e do encantamento na relação com a vida, experimentada como vivificada e valiosa.

Estar em formação é desejo descoberto a partir de experiência pessoal que nada tem de individual. Requer sentir-se acolhido como diferença radical, porém reconhecido como dotado das mesmas condições de dignidade e humanidade. Para que o desejo possa tornar-se acontecimento em espaço concreto, há de ser investido de modo semelhante como os pais fazem com seus filhos: com seu narcisismo, tomando o recém-chegado parte sua; com sua libido e força de trabalho, para garantir que aquela alteridade, diferente do ser idealizado, possa tomar seu lugar em uma cadeia geracional e garantir-lhes, em contrapartida, uma parcela possível de imortalidade. Penso que somente nessas condições é possível transformar enseadas inertes de uma formação idealizada em cobras de vidro cheias de vida e de desejo.

Quando enuncio o desejo de fazer nascer uma psicanalista, espero que ele seja acolhido em espaço comprometido com a vida em sua pluralidade de pensamentos, tradições, origens, trajetórias, configurações étnicas e formas de existir. Desejo uma formação comprometida com o combate ao empobrecimento produzido por palavras definidoras, sobretudo sobre aqueles que, apenas por exceção, chegam ao seu território. Que formação encarna o seu desejo?



Escultura de Louise Bourgeois: *Avenza Revisited II*.

// Cidiane Vaz

cidianevez@gmail.com

“A gente não sabe o lugar certo onde colocar o desejo.” (Caetano Veloso)



O primeiro filme de Luis Buñuel (roteiro em parceria com Dalí) ia ter como título uma paráfrase do aviso – comum nos trens europeus da época: “É perigoso debruçar-se para fora”. A advertência passaria a ser: “*Il est dangereux de se pencher au-dedans!*” – ou seja, também poderia ser perigoso voltar-se para o interior! O curta-metragem de 1929, com apenas 17 minutos, acabou recebendo um nome mais surrealista, sem relação direta com o que se via na tela (“Um Cão Andaluz”), sendo que o perigo do título original está no chamado “mundo interno” dos personagens, um homem e uma mulher: o desejo e o recalque. Afinal, na educação repressora da moral burguesa, o desejo sexual seria algo perigosíssimo e passível de punição.

Em sua instigante autobiografia (“Meu Último Suspiro”), ele diz: “No filme há um amálgama da estética surrealista com as descobertas de Freud (...). Ainda que tenha usado elementos oníricos, o filme não é a descrição de um sonho: o ambiente e os personagens estão, na realidade, com a diferença [em rela-

ção a outros filmes] de que agem animados por impulsos cujas fontes primordiais estão além da razão, além de onde se origina tudo que é poético. (...) O filme se dirige ao inconsciente dos homens e, por isso, tem valor universal, ainda que desagrade aquela parte da sociedade aprisionada em princípios morais puritanos”.

O desejado encontro sexual não se consuma e, na última imagem, vemos o homem e a mulher enterrados na areia até a cintura, cegos, as vestes destroçadas, esturricados pelos raios de sol e por um enxame de insetos.

Em “A Idade de Ouro”, de 1930, outro casal é visto se agarrando no chão de terra, ao ar livre, mas é impedido de prosseguir por um grupo de pessoas que estavam numa cerimônia de lançamento de uma pedra fundamental (a da civilização?). O homem é afastado da mulher e levado pelas ruas por dois policiais, mas, mesmo separados, um só pensa no outro em imagens plenas de alusões eróticas.

Sem poder retornar à Espanha devido à vitória fascista na Guerra Civil Espanhola, Buñuel só vai conseguir filmar regularmente no México muitos anos depois. Às vezes, tinha que aceitar roteiros que lhe eram impostos, como o de “Susana, mulher diabólica” (1951), mas o fazia mudando a ênfase do enredo original que se inclinava claramente pela condenação moral da personagem feminina como sedutora dos homens de uma família tradicional. Buñuel conseguiu aludir, entretanto, à hipocrisia da ordem familiar burguesa que se deixou abalar pelo desejo sexual recalcado naqueles homens.

Essa hipocrisia da burguesia (seu “charme discreto”) também é desvelada por meio de personagens como Séverine, “A Bela da Tarde” (1966), esposa de um médico a quem

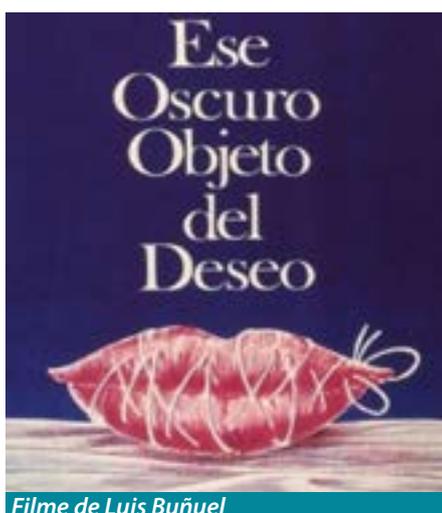
recusa a vida sexual, mas que trabalha num bordel (ou fantasia que faz isso) durante as tardes.

Os caminhos vicariantes do desejo revelam-se desastrosos aqui e em outros filmes: como no caso da castidade de uma vida dedicada aos pobres (busca pela santidade) por parte do generoso padre “Nazarín” (1958). Um pouco como o que sucede à caridosa noviça “Viridiana” (1961), sedada por seu tio, vestida com as roupas nupciais da falecida tia para que este consumasse – com a sobrinha – o ato sexual impedido pela morte da tia na noite da lua de mel. Mesmo que o tio se mate antes de possuí-la, a noviça se considera indigna de manter a vida religiosa e, com a herança que recebe, passa a acolher mendigos em sua casa. Um deles tenta estuprá-la – sarcasmo para com a máxima religiosa de “amar a humanidade” por parte de quem não realiza a plenitude do ato amoroso carnal.

Sem espaço para tantos outros exemplos em tão rica filmografia, cabe lembrar que o último filme de Buñuel foi “Esse Obscuro Objeto de Desejo” em que um homem maduro se vê atraído por uma moça que parece estar sempre disponível para ele, mas que se nega toda vez em que chegam próximos de uma maior intimidade.

Há filmes em que uma mesma atriz interpreta mais de uma personagem, mas aqui, o irreverente surrealista fez com que o papel feminino fosse vivido por duas atrizes diferentes, alternando-se a cada cena. Freud concordaria, já que na teoria da pulsão há a busca de satisfação, mas o objeto é variável.

// Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com



Filme de Luis Buñuel

NOTAS DO CONSELHO DIRETOR

Assembleia Geral – 26/09/2022

- Homologações: - Qualificação como membro efetivo: Marluce Aguiar Rojas;
- Qualificação como membro efetivo: Sonia Verjovsky de Almeida.



Perguntar & Pensar

A coluna Psicanálise & Cia traz nesta edição uma animada roda de conversa do colegiado formado por psicanalistas da SBPRJ que levam adiante o legado de Sônia Eva Tucherman, idealizadora do Perguntar & Pensar, programa de rádio dramaturgia produzido pela SBPRJ em parceria com a Rádio MEC AM, que trata de angústias e conflitos comuns aos jovens de todas as idades. (Sandra Gonzaga, editora).

Em que ponto vocês estão?

Gabriela: Estamos ampliando a equipe do **Perguntar & Pensar**, agregando membros da SBPRJ que queiram se juntar ao nosso time e fazer parte deste projeto incrível.

Estamos criando uma espécie de “modelo de texto” para facilitar a vida dos redatores. A partir da análise dos diálogos produzidos até hoje, identificamos padrões de forma e de conteúdo e os organizamos para que os textos tenham uniformidade mesmo quando forem escritos por psicanalistas diferentes. São referências básicas para que o redator não se perca e tenha liberdade de criação.

Simone: Nos últimos 10 meses, desde o falecimento da querida Sônia Eva, nós quatro, Gabriela, Magda, Samantha e Simone, formamos um colegiado que vem coordenando o programa na Rádio MEC AM.

Logo no começo, fomos “devagar com o andar”; foi muito doloroso pra todas nós lidar com a perda da Sônia. Além disso, ela era uma leoa, que levava o programa com muita paixão e dedicação. E apesar de nós já termos trabalhado com ela, trabalhado na produção ou redação do **Perguntar & Pensar**, assumir a coordenação, assumir o lugar da Sônia, mantendo a alma do programa, sua estrutura, mas sem a própria, dá trabalho, trabalho emocional. É como chegar numa casa nova e começar a entender os seus espaços, como funciona... Demora um tempo pra que a gente possa se sentir “no nosso pedaço”, o que é fundamental para que a gente possa seguir potente, criativo.

Samantha: O que fizemos, desde que assumimos, foi manter o programa “no ar”, inicialmente

com reprises, mas, a partir de fevereiro, com novos episódios semanais. Facilitamos o acesso aos programas antigos, baixando todos os episódios disponíveis no site da EBC (Empresa Brasileira de Comunicação), que agora estão também disponíveis na página da SBPRJ. Em meio a tudo isso, firmamos a parceria de trabalho com o Leo Tucherman, que é o ator que encarna o “Tio Leon” e que nos ajuda muito com a edição do material, e também com a Erica Tucherman, que vem nos assessorando em nossas pesquisas sobre a expansão do uso do nosso acervo. Temos pensado em desdobramentos para que o projeto cresça e dê ainda mais frutos.

Há quanto tempo a Psicanálise da SBPRJ está nas Ondas do Rádio?

Magda: Em 2001, se estabeleceu a parceria SBPRJ-Rádio MEC AM. Foi quando tudo começou, com o lançamento do **Escutar & Pensar**, e isso, graças à iniciativa de Sônia Eva Tucherman, junto com os colegas Bernard Miodownik, Marina Tavares e Mônica Aguiar. Com o tempo, muitos dos nossos colegas se juntaram e contribuíram na produção e na redação de muitos programas. O **E&P** foi transmitido por 11 anos. No começo, o programa era diário, sendo que às sextas-feiras promovia um debate multidisciplinar sobre o tema abordado ao longo da semana, que podia ser sonho, inveja, fantasia, separação, por exemplo. Enfim, os temas eram os mais diversos, todos ligados a situações cotidianas que despertam ansiedades, conflitos. O programa mudou de formato, passou a ser semanal, depois passou a ser um programa de entrevista com membros da nossa Sociedade. Mudou também de nome, mas sem-

pre manteve seu foco que era promover reflexão sobre si próprio. Em 2008, nasceu o **Perguntar & Pensar** voltado às questões infanto-juvenis. Com o mesmo objetivo do primeiro programa, o **P&P** já atingiu audiência de 4.900 ouvintes/minuto! Para este programa, pensando no público-alvo e na relevância do diálogo, especialmente entre as crianças, os adolescentes e os adultos, se escolheu um formato diferente: rádio-dramaturgia, o que é muito bacana porque a gente acredita que a dramatização possibilita a identificação do ouvinte com os personagens, favorecendo a reflexão. As conversas são descontraídas, com linguagem coloquial, sustentadas sempre pelo referencial psicanalítico. Já os assuntos abordados são todos aqueles que fazem parte do cotidiano dos personagens Tio Leon, Isabelly e Bernardo. Eles já conversaram sobre várias situações! Do medo do primeiro dia de aula, da mentira e da culpa à raiva dos pais, à saúde da dinda que foi embora, à tatuagem ao *post* no *WhatsApp*, entre tantos outros. Ou seja: lá se vão 14 anos “perguntando e pensando” e 21 anos de Psicanálise nas ondas do rádio!

O que move o programa? O que move a equipe?

Simone: Já dizia o nosso barbudo Freud, em 1918, que era nossa tarefa adaptar a técnica psicanalítica de forma a contemplar, atingir a população independentemente das condições socioculturais e econômicas. Como boas discípulas que somos, assumi-

"Num dia desses, uma das redatoras disse que escrever os diálogos para as gravações do **Perguntar & Pensar** é, para ela, uma grande experiência clínica, uma oportunidade especial de articular clínica e teoria como poucas!"

mos a tarefa e consideramos que o motor do projeto é o princípio da democratização da Psicanálise.

Que desdobramentos resultaram dessa "democratização da Psicanálise"?

Samantha: Desde maio de 2006, o **Escutar & Pensar** passou a fazer parte da Rádio Universitária de Fortaleza em parceria, à época, com o GEPFOR (Grupo de Estudos de Psicanálise de Fortaleza). Foi transmitido online através da Rede Viva Favela, rádio comunitária do Viva Rio. Por um período, houve transmissão pela Rádio Universitária de Fernandópolis (SP). O **E&P** nos corredores do STJ de Brasília, onde filas de pessoas aguardam pelo atendimento. Fomos a escolas públicas e particulares usando os diálogos do **Perguntar & Pensar** como promotores de debates. Em 2008, lançamos a coleção **Ler & Pensar**, que compreende três livros sob os títulos *Família, Sexualidade e Sentimentos*, e é a coletânea de textos do **Escutar & Pensar** (<https://bit.ly/3qFhK6l>). Temos material para mais publicações e mídias diferentes. Vontade de ampliar as formas de participação da Psicanálise na sociedade e interagir com a população em geral é o que não nos falta!

A ideia de falar Psicanálise em linguagem acessível se tornou algo comum nas mídias sociais, nos podcasts da vida. De onde vem essa ideia?

Gabriela: A ideia de usar o rádio como difusor da Psicanálise não é exclusividade nossa. Muitos já desenvolveram programas de rádio similares e mesmo antes da SBPRJ: de 1943 a 1962,

em Londres, na Rádio BBC, o pediatra e psicanalista D. Winnicott participou de cinquenta programas. Na década de 50, em São Paulo, na Rádio Excelsior, a psicanalista Virgínia Bicudo fez um programa semanal. De 1976 a 1978, em Paris, na Rádio France-inter, a psicanalista Françoise Dolto respondia a cartas de ouvintes. Em Paris, na Rádio France info, a também psicanalista francesa Claude Halmos trata de diversos temas relacionados ao universo infantil.

Simone: Mas podemos, sim, destacar dois aspectos únicos do **Perguntar & Pensar**: o nosso programa é o mais longo e se caracteriza pela conversa "com" o ouvinte. Não analisamos ninguém e nem damos aulas de Psicanálise, mas na medida em que lança mão da dramatização (formato super original!), favorecemos a reflexão por meio da identificação dos ouvintes com os personagens. Acreditamos que toda forma de difusão da Psicanálise beneficia a população em geral, os ouvintes, aqueles que estão à sua volta. Uma vez que o sujeito passa a se questionar sobre si, uma vez que inicie um processo de mudança, em escala, acaba promovendo também uma transformação social.

Dá muito trabalho perguntar e pensar?

Magda: Pois é! Muito trabalho e muito prazer! Num dia desses, uma das redatoras disse que escrever os diálogos para as gravações do **Perguntar & Pensar** é, para ela, uma grande experiência clínica, uma oportunidade especial de articular clínica e teoria como poucas! É verdade. A sensação de concluir um diálogo que foi "no ponto" é muito boa.

É muito gratificante também saber que a experiência de se perguntar e pensar sobre sentimentos e pensamentos tem alcance amplo. Saímos todos ganhando.

Gabriela: Há muito trabalho a fazer, sim, como a possibilidade, por exemplo, de desenvolver o programa **P&P**, oportunamente, no formato de podcast. Neste momento, convidamos todos os membros da nossa SBPRJ, todos os que se interessam por essa abordagem da Psicanálise expandida, democratizada e que gostem de escrever, que venham fazer parte da equipe de redatores. Para conhecer e acompanhar os programas do **Perguntar & Pensar**, sugerimos o acesso direto para ouvir a partir do link <https://bit.ly/3LcSeyU>

// Gabriela Pszczol Krebs

Psicóloga e membro associado da SBPRJ
gabi.pszczol@gmail.com

// Magda Rodrigues Costa

Psicóloga, membro associado
e editora da Revista **TRIEB** da SBPRJ
magdarcosta1@gmail.com

// Samantha Nigri

Psicóloga e membro associado da SBPRJ
sanigri@uol.com.br

// Simone Wenkert Rothstein

Psicóloga, especialista em saúde
materno-infantil e
membro associado da SBPRJ
simiwr18@gmail.com



Entre nuvens

A coluna “Divagar é Preciso” desta edição traz uma comovente e poética narrativa, na qual o infantil se mistura àquilo que permanece dentro de nós, tornado vivo por meio de um bolo de fubá que mais parece uma *madeleine* proustiana. O tempo não está de todo perdido, pois a busca pôde enfim reencontrá-lo! (Tiago Mussi, coeditor).

Era depois do almoço. Depois da louça lavada, o fogão em silêncio, a loja fechada; a casa adormecia, a luz da sala se desfazia. Minha avó se sentava em sua cadeira de balanço e eu corria para o seu colo já desfrutando do seu aconchego. Levava comigo Jujuca, meu boneco farto e vivo. Com o mesmo gesto experimentado naquele momento, aconchegava-o no meu colo acreditando que ele, como eu, desfrutava daquela infinita intimidade humana. O movimento suave da cadeira encaixava nossos corpos. Laços e entrelaços selavam a fé na vida. Baixinho, minha avó cantava: “Como pode o peixe vivo viver fora d’água fria, como pode o peixe vivo viver fora d’água fria... como poderei

viver, como poderei viver sem a tua companhia, sem a tua, sem a tua companhia...”

Ritmando sua voz com a suavidade da tarde e no compasso do balanço de sua cadeira, ela parecia adivinhar os movimentos dos meus pensamentos: “como poderei viver sem a tua companhia?”. Eu queria eternizar aqueles instantes daquela sala de jantar à meia-luz, dos momentos sem ruídos, daquele colo amoroso alargando mil sentimentos dentro de mim. Em silêncio, dormíamos; será que sonhávamos os mesmos sonhos? Eu acreditava que sim!

Gostávamos de acordar uma para a outra, planejar o entardecer. Às vezes, surgia aquele bolo de fubá amarelinho feito a quatro mãos. Vê-lo crescer no forno, cheirá-lo de longe, cortar o primeiro pedaço, desmanchá-lo na boca depois da xícara de leite e café bem quentinha fazia-me amar profundamente aquela casa. Ao meu lado, Jujuca era alimentado pelas minhas fantasias maternas. Movimentava-se em mim a serenidade dos que sabem nutrir a vida com gestos simples, delicados, poucas palavras que percorrem uma rota de intimidade, recanto e recato de laços indizíveis. Recolhidos, mas potentes.

Foi um tempo de poesia. Percorrendo essas lembranças, reconheço a senha do encontro humano, aquela que nos faz acessar a crença de que a vida contém esses rasgos de sincera relação afetiva. Se aperto esse lado, cresce do outro lado as saudades trazendo em sonhos a presença física, sólida de uma pessoa inteira, contornável, matéria viva de um espírito que quer voltar ao seu lugar de afeto. Deixo-o instalar-se ao meu lado, junto ao meu corpo e espírito humano. Um movimento secreto de multiplicação celular e inconsciente diz e revela, simultaneamente, meu ser e a presença do outro num espaço de comunhão. Uma única palavra se manifesta em festa: laços.

Tudo isso prospera nas palavras de Freud. Diz ele: “O passado infantil permanece sempre em nós. Os estados primitivos podem ser sempre restaurados. O psíquico primitivo é, no seu pleno sentido, imperecível.” (1983).

O imperecível nos constitui para o bem e para o mal, para a paz e para a guerra, elementos que não se exaurem promovendo retornos: retorno do recalçado, retorno do clivado, retorno do informe. Esses retornos promovem o jogo entre passado e presente revelando a herança de nossos afetos. A vivência do imperecível constitui farto capital simbólico para o trabalho clínico e teórico da Psicanálise.

O que fazer? Reconstruir traços de encanto, memórias com ou sem pranto, elos antigos de virtudes e vícios, de sons e abrigos, sonhos perdidos e escondidos, restaurar instantes, dentro e fora de si. Deixar ser o que se quer ser como forma de trazer à luz uma realidade fundante da singularidade, visível e invisível de cada um, na arte, na ciência, na clínica psicanalítica. O núcleo do humano, um ato ínfimo de afetos, se expressa no encontro analítico, revelando sofrimentos, perdas, ódios, lirismo e, algumas vezes, ações do sublime.

Nesse universo, nuvens psicanalíticas apontam para transformações que renovam o campo infinito da relação humana. Tempo, és soberano! Para frente ou para trás, basta um descuido que cuida do que volta por meio de sensações, imagens, gestos e palavras.

“Comovo-me em excesso por natureza e por ofício”, diz Graciliano Ramos.

Essa é a aposta da Psicanálise viva!

// **Maria do Carmo Palhares**
mcarmandoandrade@gbl.com.br



Marc Chagall. *Os amantes*.